



Entrevistado: Professor Gelson Rangel Lima

Entrevistador: Cristina Pessanha Mary

Entrevista realizada em 2/06/2012

Cristina Mary: - *O senhor poderia nos contar um pouco da história do Departamento de Geografia da UFF?*

Gelson Rangel Lima: - Primeiro começou como faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, era uma sociedade mantenedora que mantinha o curso. Eu terminei a Faculdade, estudei no Rio, na Faculdade Nacional de Filosofia, então quando eu terminei em 56 o professor Teixeira Guerra que era professor de Geografia Humana em Niterói na UFF, ele estava sem assistente, então perguntou se eu queria ser o assistente dele. Eu falei “*ah tudo bem, tá ótimo*”. Então eu assinei um termo de posse na faculdade em 1956 (26/04/1956). Comecei então este ano, eu tinha falado com o professor Guerra que eu tinha me candidatado a uma bolsa de estudos da França e estava esperando o resultado. Se sáísse eu ia ser obrigado a deixa-los e foi o que aconteceu, no final do ano saiu à bolsa e eu fui para a Europa e estudei dois anos, casei e voltei. Quando eu voltei, eu queria ir trabalhar em São Paulo como professor.

Cristina Mary: - *O senhor era Geógrafo, especializado em que modalidade?*

Gelson Rangel Lima:- Eu era geógrafo, na época me especializei em Geografia Física, na parte de Geomorfologia, mas fiz sedimentologia, um pouquinho de Geologia, um pouco de Botânica. Então eu diversifiquei um pouco e dava aula de Geografia Humana, quer dizer, então eu completava o ciclo. A formação era eclética (completa), de forma que isso me ajudou muito. Bom então nós começamos no Instituto de Educação, quando eu fui embora era Instituto de Educação ainda, quando eu voltei à faculdade já estava funcionando no Colégio Estadual Aurelino Leal (Ingá). Isso foi em 1959 quando eu cheguei de volta que eu queria ir para São Paulo e acabou que naquele ano não houve concurso em SP, então, eu voltei para o Rio e o Guerra falou assim: “*olha você não quer vim trabalhar comigo em Niterói? Eu to sem assistente*”. Eu falei assim: “*olha tudo bem*”. Então, eu voltei para trabalhar com ele em Niterói como assistente e voltei para o IBGE também como serviço prestado e tal, depois fiz concurso e fiquei efetivo. Bom então foi no Aurelino Leal uma época muito boa para gente porque, boa no sentido de que o entrosamento era muito bom, aluno e professor, tinha um bom auditório, a gente fazia a semana da Geografia, havia palestras de professores externos que vinham e com isso houve um bom entrosamento. Nós tínhamos três moças que ajudavam a gente, que era Letícia F B (...) formada no Instituto de Educação do Rio, tinha a Iara e a Neusa Soares de Oliveira, que foi do Instituto também, que foi minha aluna também, depois então ela ficou, ela casou com um militar e foi para Brasília e depois voltou aqui para UFF. Então eu tive muitos alunos que depois foram professores da UFF, de 1956 eu tive dois alunos que foram professores da UFF, Artemis de Brito e Matos, falecida hoje, na primeira série, e na segunda série eu tive o José Pedro Pinto Esposel também da UFF, que foi professor depois. Artemis ainda fez biblioteconomia e tal, foi trabalhar acho que com as ciências sociais, depois teve um problema porque ela foi lá no Instituto saber se eu aceitava ela como professora, eu disse: “*ué claro Artemis*”. Então ela voltou para o Instituto, ficou um tempo trabalhando com a gente.



Bom, então eu lecionei em Niterói, foi muito interessante porque a gente contava com as salas de noite, de dia funcionava o ginásio, a Escola Pública e a noite a Faculdade. Então nós ficamos lá, eu só não sei as datas, até gostaria de saber ao certo. Então nós ficamos um tempo lá no Ingá e depois fomos para a Rua da Conceição, porque foi construído um prédio lá na Rua da Conceição que depois ficou com a Faculdade de Filosofia. Então esse foi o terceiro local, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na Rua da Conceição, ali quase em frente à câmara, perto da igreja, então tem um prédio ali, nos ocupávamos o quarto andar, tinha História, tinha Ciências Sociais, e que deixou boas lembranças também para gente.

Cristina Mary: - *Era junto, História e Geografia?*

Gelson Rangel Lima: - Geografia e História no início eram juntas, eu sou formado em Geografia e História, mas pela Faculdade Nacional de Filosofia, Universidade do Brasil. Geografia e História, ai depois eu entrei, ainda lecionei História, mas preferi depois ir para a parte de Geografia.

Cristina Mary: - *Depois elas vão se separar (Geografia e História)?*

Gelson Rangel Lima: - Depois se separaram. Quando eu terminei a faculdade aqui no Rio, foi praticamente a última turma, o último ano que houve Geografia e História junto, em 1956. Depois separou Geografia e separou História, lá em Niterói também já era separado. Bom, então nós ficamos lá nessa Faculdade de Ciências e Letras, Rua da Conceição, e o sistema era o mesmo, um colegiado. Ai eu acho que foi na época que começou o estudo para criar universidades, aquele planejamento de Universidades. E a UFF com a criação da Universidade, eles criaram três ampus: um campus no Valonguinho, que era Medicina, embaixo tinha Matemática, Ciências Sociais (aquele prédio do lado, Odontologia ali embaixo). O Segundo Polo foi das Ciências Sociais; e o terceiro polo é o Valonguinho. Quando nós estávamos aqui na Rua da Conceição eles começaram a englobar porque não havia a universidade Federal Fluminense, era um grupo que era universidade, que era Matemática... havia um grupo de algumas universidades...havia engenharia, entre outras. E com a criação da Universidade, então tudo foi federalizado. Então, nós entramos todos numa federação e fizemos parte. E ai foi feito um planejamento de um prédio para gente, o campus, aquela coisa, foi feito um estudo global muito grande. Nós entramos num planejamento das salas de aula, planejamentos dos laboratórios para gente, cada laboratório é... Bom a gente vai chegar mais tarde lá. Bom, normalmente nos éramos curso de Geografia e depois então quando foi criado o Instituto, foram criados três departamentos.

Cristina: - *O Instituto foi criado em 1968*

Gelson: - Isso eu não me recordo, mas eu tenho a impressão que a criação do Instituto, por ai, foi quando a gente saiu da Rua da Conceição para ir lá pro morro (Valonguinho) é que foi criado o Instituto de Geociências, e o Instituto de Geociências tinha três departamentos, se você puder depois me dar a data, eu gostaria também.



Cristina Mary: - *A data da criação do Departamento é 1963, eu sei por causa da ata de criação que eu tenho digitalizada, eu posso mandar para o senhor.*

Gelson Rangel Lima: - Tudo bem, 1963. Eu me aposentei já faz vinte anos, então na época em que eu me aposentei eu tinha prometido a minha esposa que eu iria para Europa, que ela é francesa. E minha filha também tinha ido estudar na França e acabou e ficou lá, então minha esposa disse assim: “*ah, então vamos embora*”. Então eu vendi tudo, me desfiz de tudo, biblioteca, etc. aquilo foi tudo... e fui embora. Quer dizer, então, muita coisa eu perdi, não podia levar comigo para a Europa. Havia os três departamentos: era Cartografia, era Geologia e Geografia. Bom, como a Geologia tinha pouca procura porque havia influência da CAJE, aqui no curso de Geologia e nos resolvemos desativar o departamento de Geologia. Desativar, não acabar com ele, então desativamos. Bom, também não me recordo a data, foi desativado, mas não foi extinto. Mas tarde o que aconteceu é... Nós estávamos para mudar lá para a Praia Vermelha e houve um quiproquó qualquer na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o pessoal da Geologia, hoje LAGEMAR. Então esse pessoal todo, que era uma equipe grande, que vivia na federal do Rio de Janeiro e houve um desentendimento lá entre eles e eles procuraram a UFF, para ver porque queriam se incorporar a UFF. E foi feito uma reunião e o Geociências aceitou esses professores, porque em primeiro lugar, que tinha que incorporar em algum lugar e esse lugar era o Geociências, que já tinha um departamento de Geologia, que estava desativado. Então, foi aceito a vinda deles, apenas com uma opção, é que nós gostaríamos que eles dessem algumas aulas para os nossos alunos também, como retribuição ou qualquer coisa assim. Eles ficaram meio reticentes, mas depois aceitaram então a UFF instalou eles lá em São Francisco, no Preventório. Eles foram pro Preventório, hoje eles têm uma importância muito grande, porque a Geologia desenvolveu muito, e a Geografia caiu, mas a Geologia desenvolveu muito.

Cristina: - *Eles estão com o curso de Geofísica, inclusive.*

Gelson: - Então, com isso eu acompanho de longe, porque nunca mais eu voltei lá.

Cristina: - *Eles estão muito bem. Tem agora o curso de Geofísica e o antigo departamento de Cartografia hoje departamento de Análise Geoambiental e criaram um curso de graduação também, todos tem que criar um curso de graduação.*

Gelson: - Bom, havia uma diferença entre nós e a federal do Rio de Janeiro. A fluminense dava uma ênfase muito grande na formação dos professores, fora que, todos os concursos do Estado da Guanabara e do Rio de Janeiro, depois, nossos alunos sempre tiveram a chance muito grande, e sempre entravam mais que o pessoal do Rio de Janeiro. E o Rio de Janeiro sempre tinha a ênfase muito grande em pesquisa, de forma que até hoje a pesquisa deles é bem desenvolvida, e nós ficamos dentro dessa parte de formação de professores, então, isso é uma primeira diferença entre um e outro. Bom, é claro que quando nós procuramos desenvolver, nesse desenvolvimento, passou muita coisa, e quando nós estávamos ainda na rua da Conceição, nós tínhamos um ensino quase na base do curso de giz, então a gente dizia: - ah, é preciso levar o pessoal para o campo, para dar uma formação mais efetiva e tal, conversando com o professor Guerra, nós tínhamos feito um planejamento dentro da aquisição de um ônibus, que



pudesse ajudar a levar os alunos para as excursões. E nessa reunião de departamento, que nós apresentamos esse projeto, havia um professor do Museu Nacional chamado prof. Castro Faria (que nós chamávamos do homem do cachimbo, porque ele vivia de cachimbo na boca), então, o homem do cachimbo estava lá sentado ouvindo tudo, quando nós terminamos de fazer a exposição, de mostrar a importância de levar o pessoal para o campo, para permitir que eles vissem a paisagem, para corrigir observações... aquela coisa toda, ele depois de ouvir tudo isso, virou para gente e disse: _ Olha, tudo muito bom, mas se nós tivéssemos na Rússia, amanhã vocês estavam sendo, enviados pro Gulag ou Sibéria, porque é um absurdo adquirir um ônibus, para um curso de Geografia, que vai utilizar de vez em quando este ônibus. Eu disse: - Bom, o problema não é esse, um ônibus não é para gente somente, o ônibus será para toda a universidade, quem precisar...E foi feito assim, de forma que antes faziam pequenas excursões com nossos alunos, algumas vezes alugava-se o ônibus, outras vezes a gente pedia favor. Então nós tínhamos um aluno, por exemplo, chamado Coutinho, que trabalhava no DR lá de Niterói, então, Coutinho conseguiu no DR que eles nos emprestassem um ônibus assim nos finais de semana, e nós pagávamos o óleo do ônibus e a gratificação do chofer, porque a gente não podia dirigir né, tinha que ter um chofer. Então, era sempre na base do quebra galho né, fizemos pequenas excursões, primeira excursão com o professor Guerra, na foz do Paraíba lá em Campos (eu tenho até algumas fotografias, depois eu poderia te dar algumas). Eu tenho muita fotografia, porque eu sempre fiz fotografia, tenho até filme, mas o filme não tão bons, mas as fotografias são mais fáceis, cada excursão tem... são muitas excursões. Eu fiz umas trinta e quatro ou trinta e cinco excursões, e quando formou a faculdade... a universidade, teve uma verba e nessa verba então, a universidade conseguiu adquirir quatro ônibus, e um ônibus ficou assim para fazer excursões, tinha um ônibus que estava ligado ao pessoal da agronomia, que se deslocava ali para Cabo Frio...São Pedro da Aldeia, naquela área que eles têm um campo de estudo lá, só que eles tinham um ônibus que praticamente levava os alunos e trazia, aquela coisa toda. E nós tínhamos um calendário, cada ano a gente fazia aquele calendário para as excursões, então dava um trabalho de campo, porque tinha que ver quando é que era feriado, porque cada excursão tinha que ver o tempo que se ia gastar, se tinha um feriado, um final de semana, se juntava três dias ou quatro dias para fazer a excursão. De forma que a partir daí a gente conseguiu um plano, todo ano a gente fazia excursão, tinha excursões nossas, tinha excursões do Mauro, eu fiz uma excursão a Governador Valadares, mas para parte de estudo de pedras, de Geologia com o prof. Amir Fontoura com ônibus, mas isso para gente foi uma beleza porque permitiu então levar o aluno ao campo para observar. Eu tive uma formação, assim, muito francesa que o pessoal muito exigente, então, a gente passou a exigir muito dos nossos alunos também né, e dar alguns exemplos dizendo assim: - olha vocês vão fazer excursão, vão tirar fotografias, tira e então, guardem essas fotografias. Coloquem o nome, porque amanhã vocês vão ser professores, vocês têm um material que podem apresentar, de vocês mesmos.

Cristina Mary: - *Como foi a sua formação, você pode falar um pouquinho? Isso é importante.*

Gelson: - A minha formação, bom, eu me formei na Faculdade Nacional de Filosofia, ali na Presidente Antônio Carlos, onde é hoje a casa da Itália, e o curso de Geografia tinha quatro anos, três anos de formação, um ano de pedagógico, essa coisa toda. Comecei a lecionar antes, lecionava em ginásio do educandário. Cursos gratuitos, para tomar experiência né, e na faculdade eu tive oportunidade de conviver com professores estrangeiros, principalmente, quando houve o Congresso de Geografia, porque eu trabalhava também como estagiário do IBGE,



então, isso me colocava em contato com o que eu fiz parte do grupo de organização, não do congresso em si, mas eu tinha uma parte de transporte que estava ligada já há arranjar ônibus, essa coisa toda, porque o congresso foi na Ilha... onde hoje esta a Escola Naval, então tinha que pegar o pessoal ali na avenida Antonio Carlos e levar até a Escola Naval e trazer, tinha até uns professores que ficaram estalados na Escola Naval, mas outros melhores estavam em hotéis no Rio, que eram melhores, então, a gente tinha que dar um transporte para eles fácil. De forma que eu conheci muita gente, e quando terminou o Congresso é... na organização em si, o IBGE tomou uma parte muito importante, então nós fomos feitos guias (geógrafos do IBGE fizeram guias), e foi feito uma excursão preparatória. Então antes de haver excursão, nós fomos ao campo e procurávamos prefeito, procurávamos tudo para ter as facilidades de hotéis, visitas... aquela coisa toda, e eu tive a chance de ir em uma dessas excursões preparatórias no Sul, que era chefiada pela geógrafa Dora Romariz e mais duas colegas do IBGE, e foi muito interessante.

Cristina Mary: - Quando foi esse Congresso?

Gelson Rangel Lima: - Esse foi no Rio de Janeiro, deve ter sido em 1950 e qualquer coisa... Eu estava no IBGE e já estava participando já. Então, foi interessante porque eu tive oportunidade de fazer isso, quando acabou o Congresso, houve um curso para professores de ensino superior, como eu era assistente do Guerra conseguiram me encaixar no curso, o curso foi dado pelo Demangeon, Ruellan, Mombeig, o Carl Troll parte de botânica...teve a parte de fotografia... Então, houve uma serie de professores que deram esse curso e depois uma excursão prática, que nos fizemos no Itatiaia, de Itatiaia nós fomos a Paraty, passamos por Cunha, foi feita uma visita e tal, depois nós tivemos numa corveta da marinha chamada Solimões que nos pegou em Paraty e nos levou a Ilha Bela em São Paulo, e depois nos trouxe de Ilha Bela até o Rio de Janeiro aqui no arsenal de marinha. Então, eu já tava entrosando com esse pessoal todo, e o professor Ruellan ele dava um curso especializado de Geomorfologia, foi ai que eu fiz três anos de Geomorfologia com o professor Ruellan aqui na faculdade. Eu tive a oportunidade com ele de ir duas vezes a Roraima, ainda era aluno e ele levou outros alunos da faculdade também... ele levou a Roraima. Então, essas coisas nos permitem ter esse certo entrosamento, não é? . Bom, e a partir daí houve aquela formação do curso, transformação do curso também, e... melhoria. Foi modificado a nossa agenda também, novos programas, transformação diferente... E durante essas coisas todas um dia eu estava no IBGE e fui procurado por um grupo de alunos, liderados por um aluno chamado Nelson Brasileiro da Conceição, e o Nelson veio e falou comigo: - professor, está aqui no Rio o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, e agente poderia tentar conseguir alguma coisa com ele. Eu falei “Tudo bem”. Então, eles conseguiram uma entrevista com... Esqueci o nome dele hoje, com o presidente lá no... Aqui no... Copacabana Palace. Nós viemos à noite e foi feito aquela reunião e a gente explicou que nós eramos da faculdade, que a gente tinha dificuldade de material, dificuldade de todo jeito e tal... Ele ouviu aquilo tudo e falou “*bom, vocês façam o projeto e agente vai estudar e vê o que se pode fazer*”. Então foi um corre-corre, mas nesse problema havia uma coisa pior para gente, eles não podiam como fundação particular fazer doação a uma universidade pública. Então nós viramos a jogada e colocamos o centro de estudos geográficos na frente e fizemos papel com titulo de estudo geográfico, aquela coisa toda... Fez-se um projeto de quatro etapas que havia aulas, quer dizer, técnicos que da fundação que pudessem dar aulas em Niterói - conferências no caso. Tivemos aquisição de material permanente. Um terceiro de bolsa de



estudo que permitisse levar alunos de Niterói para estudar lá em Lisboa, e havia um quarto que agora eu não me recordo o que era o quarto projeto. Isso tudo foi montado e no dia que o presidente estava de volta para Lisboa, esse grupo foi lá no aeroporto, fazia parte a Dalva, a Dalva fazia parte disso, você pode conversar até com ela depois. (Dalva Regina dos Prazeres Gonçalves). Bom, então a Dalva fazia parte... Então, eles foram levar aquela pasta com os quatro projetos dentro né, e tiraram a fotografia... (eu esqueci, a minha memória agora não tá tão boa, eu esqueci o nome dele... que era o presidente). Bom, então tiraram a fotografia dos alunos da UFF com a esposa dele, a esposa recebeu um ramallete de flores que os alunos levaram e deram para ela, ele do outro lado com uma pastinha.

Cristina Mary: - *O Antônio Veloso, ele foi meu professor... Ele estava nessa história também?*

Gelson: - O Veloso era do CEG, ele era do centro de estudos.

Cristina: - *O Centro de Estudos, quando foi criado?*

Gelson: - não lembro. Você pergunta ao Veloso, talvez ele possa lhe dizer. Era coisa de aluno, mas o centro de estudo patrocinava uma semana da Geografia e nós funcionávamos juntos com eles. Então, fazia aquela semana que trazia técnicos de fora, que vinham conversar, davam aulas para os alunos, professores tanto estrangeiros, quanto professores brasileiros. O Corvelo, por exemplo, do Museu Nacional foi várias vezes. O Castro Faria que é da antropologia... Alguns nomes assim importantes que iam, quase sempre eram convidados e que iam fazer palestras lá. Bom, então, ele levou aquela pastinha e disse que depois daria uma resposta. No ano seguinte, fui a Europa que de vez em quando eu ia visitar o meu sogro, então, eu desci em Lisboa e fui lá na Fundação para saber em que pé que andava a coisa, *“ah tá sendo estudando e tal, vocês vão receber uma resposta por escrito”*. Só que depois nós recebemos uma comunicação que havia sido dentro daquilo que a gente pedia a parte mais fácil de resolver era uma ajuda pecuniária, eles deram 9 mil e tantos dólares, esse dinheiro chegou na forma de um cheque e foi entregue ao presidente do CEG, foi aberta uma conta em Nova York e com esse dinheiro a gente comprou uma série de coisas lá para o Instituto, a parte de astronomia... Pena que a Fantose tenha falecido porque a Maria Elisa foi minha aluna também e a irmã dela Maria Pietra... Maria Elisa foi diretora, foi chefe de departamento. E a Maria Elisa, então, dava astronomia. Então nós importamos um telescópio, importamos uma série de coisas, não sei o que aconteceu, mas o Veloso talvez possa lhe dar informações melhores. Então, esse material todo comparado foi arrolado, enumerado, fizemos uma exposição com fotografia, e o embaixador de Portugal foi inaugurar a exposição com todas as coisas que tinham sido adquiridas, aquela coisa toda... Só que isso deu uma ajudazinha. Bom, você sabe que é sempre difícil administrar Universidade, Instituto de Geociências... eu fui chefe de departamento, fui diretor...

Cristina Mary: - *Ah, o senhor foi diretor, há é... O senhor foi o primeiro chefe de departamento ou não?*

Gelson Rangel Lima: - Não, não, o primeiro chefe de departamento foi o professor Stamato. A gente se dava muito bem e depois houve um desentendimento, não sei por que, só sei que o Stamato saiu meio zangado comigo,



mas eu não tenho nada com a história. Mas essas coisas acontecem, quando foi feita a reestruturação do curso, a ideia foi de trazer um diretor de fora, e foi nessa época que o Quaresma, que era professor de história foi ser diretor lá do Instituto, Antonio de Carlos (ele era do ABEL). E o professor Quaresma foi lá para o Instituto e ele tinha certas ideias que era contra minhas ideias, eu sei que nós não nos afinamos muito bem, ele falou: - não, nós vamos trocar a chefia do departamento. Eu falei: - não tem problema, eu acho que pode trocar a chefia do departamento, o senhor me exonera e põe quem o senhor quiser porque para mim tanto faz, eu trabalhava o dia todo, eu dava aula a noite. Nessa época nós fizemos uma excursão grande a Curitiba, quatro dias em Curitiba, e nessa excursão de Curitiba (que alias correu muito bem, nós já tínhamos ônibus, tínhamos dois choferes então a excursão era bem organizada). Cada excursão tinha seu guia próprio, tudo estabelecido, os objetivos, aquela coisa toda... tudo organizado e a gente fazia um guia. Então, cada excursão tinha o seu “guiazinho”, se a gente fazia uma segunda excursão naquela mesma área, a gente procurava modificar para não ser igual, porque a gente tem sempre um que repete, porque aí diz: - ah ele só pegou aquilo e mudou... Não, a gente sempre modificava... e Nessa excursão de Curitiba, foram quatro dias, a gente saiu daqui de noite, então era uma farrá quando saía a excursão, porque saía ali da matemática, ali de baixo. Então o ônibus ficava ali, o pessoal todo vinha para ali, de noite vinha os pais trazer os alunos, aquela coisa toda... e a gente saía com dois choferes. Na divisa de São Paulo com Paraná tem uma gruta muito importante ali, e nós fomos visitar essa gruta e depois nós fomos para Curitiba, e Curitiba tinha feito entrosamento com os professores de Curitiba que cederam lugar para gente dormir, uma casa de professores, nos levaram para jantar numa daquelas churrascarias enormes lá de Curitiba né. No dia seguinte fomos visitar a cidade, fomos senhareados pelos professores lá de Curitiba. Então, muita coisa se arranjou dessa forma, visitamos de manhã a cidade e de tarde nós fomos a Vila Velha e voltamos à noite, e tinham pedido para ser comparado passagem para gente descer o litoral até Paranaguá- Serra do Mar. Bom, então o ônibus nos levou na estação, todo mundo apanhou o trem, nós descemos pelo trem e o ônibus foi pela estrada nos esperar em Paranaguá. Em Paranaguá, visitamos a área de Paranaguá e pegamos o ônibus, subimos pela Estrada da Graciosa, quer dizer, fizemos o circuito completo, descemos de trem e subimos pela Graciosa. Chegamos em Curitiba, fomos embora e quando nós chegamos em Resende, nós paramos para tomar um Ovomaltine ali. Eu acho que ainda tem, nós sempre parávamos ali, aí paramos e os alunos compraram jornal e quando eles abrem jornal e leem” morte do professor da UFF, Quaresma”. Você sabe que foi um mal estar assim na excursão, mas já faziam três dias que nós estávamos fora né. E depois dessa historia a esposa do Quaresma, não sei por que, mas achava que eu tinha culpa na morte do professor Quaresma, eu nunca tive nada haver com a coisa, e agente não estava aqui, a gente estava em Curitiba quando aconteceu o negócio. E bom, e continua a vida, são os percalços que acontecem assim né... É... então essa historia... São facetas da historia, outros problemas eram a organização do nosso orçamento a cada ano, era um problema porque você não tem dinheiro na universidade, os cursos não tinham dinheiro, a gente tinha uma verba de acordo com o orçamento que era feito, era calculado, o material permanente para isso e para aquilo, aquisição e tal... Mas a gente não recebia dinheiro, a gente quando precisava das coisas, a gente fazia um pedido e ia para Universidade e a Universidade adquiria e nos dava. E com essa história nos perdemos muito, porque a gente consumia menos, mas era importante para gente aquele menos que a gente consumia. Então o que eles faziam, eles recebiam a verba e amarravam a verba, a gente fazia os pedidos nossos e aquilo ia e ficava guardadinho lá... Quando chegava mais para o fim do ano que tinha que fazer a prestação de contas do dinheiro, então, a gente era chamado... "Ah tem que resolver, porque se não o dinheiro vai voltar e se



voltar o ano que vem não vem outra vez..." Quer dizer, bom, mas não era culpa nossa porque nos já tínhamos feito os pedidos desde o início do ano, mas ficava aquilo engavetado. Então, era aquela coisa... Então a Química sempre tinha prioridade porque gastava muito material de consumo, a Física também porque tinha um instrumental que era muito caro e o Geociências que não tinha nada disso, então resolve (risos)... Em geral, eles tiravam dinheiro nosso para complementar os outros. Bom, tudo bem era uma forma, era um problema porque às vezes não tinha dinheiro nem para comparar lâmpada, então tinha dois rapazes que tomavam conta o Sr Francisco e o João... "Ah, professor queimou lâmpada e não tem no almoxarifado". Eu falava bom então... tirava do bolso e "vai comparar a lâmpada", a gente não podia parar não é. E o material permanente era ano por ano letivo eu chamava o Francisco (o outro) o Prof. Carlos Antonio e dizia "olha, vamos fazer um levantamento da nossa situação, o que a gente tem, tem carteiras arrebitadas, carteiras boas, carteiras que pode ser melhorada, recuperada... vamos fazer a canalização do material e vê o que a gente aproveita". Então o Carlinhos era muito importante, ele tinha um aparelho de solda, ele levava pé de metal que podia soldar, ele soldava...

Cristina Mary: - *E eu só ia perguntar mais alguma coisa, só para a gente fechar essa questão da formação, depois então o Senhor vai a França ser especialista em Geomorfologia?*

Gelson Rangel Lima: - Eu fiz especialização em Geomorfologia, fiz um estudo de uma região chamada Vale André, na França, e isso em 1957/1958.

Cristina Mary: - *Era o equivalente a um mestrado ou doutorado, uma pós?*

Gelson Rangel Lima: - Era um mestrado, não era nem doutorado, era um mestrado, mas não tinha esse título porque era laboratório, mas ligado a Sorbonne. Eu defendi na Sorbonne... E eu voltei em 1964 para fazer uma especialização de geomorfologia submarina e subaquática, também que não aproveitei, mas que fizemos exposição do material, das cartas que a gente tinha feito. Eu fiquei embarcado um mês na Baía do Monte São Michel, fazendo soldagem aquela coisa toda, fizemos cartas, essas cartas foram apresentadas numa reunião que houve lá no Instituto. Eu não fui passear na França, eu fui fazer isso e fui trazer de volta material para vocês.

Cristina Mary: - *Prestação de contas acadêmica.*

Gelson Rangel Lima: - Sim, uma série de prestações de contas, de forma então que essa bolsa me permitiu isso né. Durante dois anos eu tive o diploma de Pós- Graduação aluno da Escola Prática de Alto Estudos na Sorbonne, e depois mais tarde eu fiz essa outra de especialização. Depois disso eu não fiz mais coisa para mim, fiz concurso para titular, porque o professor Guerra faleceu, aí quando ele faleceu eu fiquei substituindo o professor Guerra, pois eu era seu assistente.

Cristina Mary:- Quando?



Gelson Rangel Lima: - Também não lembro. Ai foi aberto um concurso, eu fiz o concurso e passei, então, fiquei como titular na disciplina de Geografia Humana.

Prof.^a Cristina: - *Outra coisa que eu iria perguntar. O senhor faz ideia (...). O professor Guerra então esteve no centro dessa criação da Fluminense?*

Gelson Rangel Lima: - É então o professor Guerra... Quando eu entrei na universidade em 1956, ele já era professor de Geografia Humana e nós começamos no Instituto de Educação, então eu fui assistente dele...

Cristina Mary: - *Então assim, como o senhor explica essa criação de um polo lá do outro lado da baía, em Niterói.*

Gelson Rangel Lima: - É o seguinte, é que antigamente você sabe que todas as Capitais tinham uma Universidade Federal, não é. Então havia uma no Rio de Janeiro e Niterói, que era outro Estado, porque o Rio de Janeiro era a capital primeiro e depois Estado da Guanabara, mas lá era Estado do Rio, depois quando foi criada a Universidade lá (UFRJ). A criação da Federal Fluminense foi nesse sentido de dotar Niterói de uma Universidade Federal como havia, por exemplo, em Recife, em Salvador e em outros locais. Quer dizer, então começou dessa forma, agora as especializações, de cada uma das áreas é diferente em função de interesses locais, que é o caso que eu faria a Geologia, a nossa foi e parou porque havia uma maior que era a CAGIS que formava geólogos para pesquisa, e como nós lá tínhamos pouca clientela então não havia motivo de continuar. Quer dizer, só foi reativada quando foi o pessoal da Federal do Rio de Janeiro, que foram para o Preventório e hoje estão lá no Geociências, que dizer, foram para o Preventório mas já dentro da Universidade e dentro do Geociências. Então, nós os aceitamos desde que eles fossem dar algumas aulas, então foi feito um planejamento.

Cristina Mary: *Voltando a criação do Departamento de Geografia em 1963*

Prof. Gelson: - Foi uma reunião, mas ai depois teve que sair à aprovação de Conselho Universitário... Essa coisa toda. Mas foi modificações foram feitas, pois nós éramos um curso relativamente pequeno, então a gente modificou o que na época era mais importante. Porque era Geografia, Cartografia era um adendo. Hoje a Cartografia tomou um impulso muito grande, por parte de satélite, essa coisa toda, e a Geografia praticamente perdeu aquele valor, e isso não somente na UFF, mas também dentro do IBGE. Eu quando trabalhava no IBGE, nós fazíamos muita excursão, todo trabalho normalmente tinha uma parte de Campo e o resultado depois se transformava em livros, e num determinado momento houve uma reunião no IBGE onde foram convidados os técnicos de parte de informática, essa coisa toda. E um dos nossos professores, Pedro Pinchas Geiger, ele disse "Ah, agora vai ser bom, a gente não precisa mais ir ao campo porque com a informática, com essa coisa toda, a gente põe esses dados todos no computador e o computador nos dá a resposta". Nós da Geografia, que nos chamávamos de desumanas, porque o IBGE tinha a parte humana e a parte física, e a parte física chamava de desumana, um é humana e o outro é desumano. Então, era a parte física, que tinha Geomorfologia, tinha Geografia, tinha Clima... Então, essa era a parte desumana. E o Geiger, então, tinha falado isso e fizeram a tal reunião, e um dos técnicos (africano inclusive chamado Mabumdis qualquer coisa, não me recordo o nome



completo) ele ouviu toda as explicações e tal e, no final, ele pediu a palavra e disse *"olha, vocês não pensem que computador é maquina de lavar roupa, que a gente pega toda a roupa e joga lá dentro e depois põe sabão e põe um programa"*. Então, tem aquele programa e a roupa sai do outro lado, ou bem lavada ou mal lavada, porque se botar demais não lava bem, se botar pouco é antieconômico e fica gastando muito sabão e pouca roupa. Mas, ele disse *"Não pensem que é isso não, o computador é uma maquina burra"* Ai todo mundo ficou com o olho daquele tamanho ...*"é uma maquina burra porque se vocês botarem o dado dentro e não disserem o que vocês querem, ele não vai poder dar resposta nenhuma, então, tem que ter um programa que diga o que vocês pretendem com aqueles dados. Então, o que ele vai fazer, vai acelerar o processo"*. Ai todo mundo ficou de olho daquele tamanho, porque o Geiger tinha achado que a gente não precisava mais ir no campo, porque com a fotografia aérea, que o sujeito tinha uma ideia da coisa e com os dados que são coletados na parte de estatística que a gente joga no computador, ia poder fazer tudo e tirar as conclusões sem precisar ir mais no campo *"não vou mais no campo e coisa e tal"*...

Bom, então isso ficou como um exemplo para você da importância da coisa, e a Geografia perdeu muito porque depois também os técnicos do governo acharam que não era mais necessário conhecer o Brasil... *"O Brasil esta, todo ele, conhecido, desde o Humbold já andou ai dentro, o fulano de tal fez isso o outro fez aquilo, então, para que vai voltar lá para ver isso de novo"* Não, há uma evolução, existe uma evolução e essa evolução pode ser para melhor ou para pior, por exemplo, a parte das veredas em Minas Gerais foi uma evolução para pior porque o governo achou que acabar com as veredas era importante para obter terras para plantar e coisas desse tipo. Mas o que eles fizeram, acabaram com os olhos d'água, porque a vereda estava ligada a água, quer dizer, à medida que eles foram aumentando as terras, eles foram soterrando os olhos d'água e as fontes foram secando. Resultado, que no final eles não tinham mais água para fazer agricultura e não tinham mais veredas, porque tudo foi entulhado, foi entupido... Quer dizer, o sujeito não pensava nas consequências disso. Eu até hoje ainda ouço todo domingo o globo rural, quando eu estou aqui no Rio de Janeiro eu ouço no Globo Rural, por que tem coisa muito boa que a gente pode acompanhar. Na época em que eu estudei o Josué de Castro disse *"ah, tal porque a terra não vai poder suportar mais de dois bilhões de indivíduos, por que tem que alimentar, tem que ter saúde, tem que ter isso e aquilo. Então, nós não temos condições de suportar mais do que isso"*. Quanto existe hoje na Terra? Mais de seis bilhões e tanto, quase sete bilhões de indivíduos. Mas por quê? Por que houve uma revolução agrícola, houve uma melhoria do padrão de vida com melhoria sanitária, melhoria da criança que vai nascer do feto, dessas coisas todas, do preço dos alimentos... Tudo isso, veio ajudar enormemente o individuo, melhores condições de deslocamento do individuo, o avião hoje, quase todo mundo viaja de avião. Eu me recordo que a primeira viagem de avião que eu fiz para ir a Europa, eu sai do Rio de Janeiro e pegamos o avião ali no Galeão, era Galeão na época ainda e descemos no Recife; o que a gente foi fazer no Recife? Jantar. Não tinha serviço de bordo, então, todo mundo descia para jantar no aeroporto, enquanto isso eles limpavam o avião, botava água, botava isso e aquilo outro. Acabou, todo mundo entra. Ilha do Sol atravessou-se o Atlântico, descia na Ilha do Sol, estava chegando perto de Lisboa, para que? Tomar café. O café era servido no aeroporto, era paralelo, um parador. Ou então, as condições melhoraram em certo sentido, com o Ruellan que eu tive a ocasião de ir duas vezes ao Roraima, a primeira excursão do Roraima, foi partida do Rio também num Constellation, mas eu fiz Rio-Belém-Manaus. No segundo ano, eu voltei com o Ruellan nós fizemos Rio-Manaus, por que essa diferença? Porque entre esse tempo abriu-se um aeroporto intermediário chamado Cachimbo, e em Cachimbo se o avião tivesse um problema tinha onde descer, porque antes tinha que descer na mata, que dizer, não ia descer, ia se arrebentar.



Então, a criação de Cachimbo já permitia o avião, além disso, na ponta do avião tinha um reservatório suplementar em cada asa, que dava mais autonomia ao avião. Então, em vez dele ser obrigado a ir até Belém ele já ia direto por via Manaus, quer dizer, e daí para frente foi cada vez sendo mais vulgarizado. Hoje esta acontecendo à mesma coisa com os cruzeiros marítimos. Hoje, todo mundo faz cruzeiro marítimo. Todo mundo hoje faz cruzeiro, uma coisa que o preço está caindo, caindo, caindo... As condições não são, talvez, as mesmas porque, quer dizer, eles mostram muita coisa, mas o serviço não pode ser o mesmo que na época que carregavam dois mil indivíduos e hoje eles carregam seis mil, não pode ser a mesma. Além disso, dos custos que aumentam, por que tem que ter o pessoal de bordo, altura também para atender. Eu, se eu contar as viagens de navio, você vai rir também porque era nessa base. A primeira viagem não era fácil.

Cristina Mary: - *O senhor esteve no Conselho Nacional de Geografia?*

Gelson Rangel Lima: - Eu trabalhava no Conselho, eu sou geógrafo do Conselho Nacional de Geografia.

Cristina Mary: - *Esse Conselho, ele foi feito junto com o IBGE?*

Gelson Rangel: - O IBGE era formado de duas casas, o Instituto brasileiro de Geografia e Estatística, que era a casa mãe. Compunha o Instituto Brasileiro de Geografia e o Instituto Brasileiro de Estatística, as duas casas compunham o IBGE. A Estatística funcionava ali na Presidente Roosevelt, a presidência era ali e a Geografia funcionava na Beira Mar. Nós tínhamos um prédio ali que tinha tudo ali, tinha uma partezinha de cartografia de apoio que funcionava na Praia Vermelha e depois foi agregada ao RADAM. E da Praia Vermelha saiu um grupo da Cartografia que veio depois para o Serrador, depois teve na Beira Mar ocupando uns dois andares lá onde nós estávamos, e em seguida eles construíram em Parada de Lucas, nós tínhamos as nossas impressoras. Toda a parte de impressoras era em Parada de Lucas. Só que a Cartografia agora ocupa, tem três ou quatro prédios lá só de cartógrafos, cresceu muito também, tem a Geodésica, tem a Cartografia de modo geral, tem outras coisas também, a parte topográfica e tudo isso. Então, a coisa era assim no IBGE, a Geografia ela vem de 1936/37, com a vinda de Geógrafos franceses para o Brasil, principalmente São Paulo com Professor Demangeon.

Cristina Mary: - *E o Conselho Nacional foi criado?*

Gelson Rangel Lima: - Mais tarde, então é que deu o Conselho Nacional de Geografia, que o núcleo inicial foi dado. São Paulo, professores franceses. Aí o Orlando Valverde que foi praticamente o pioneiro, aí depois veio então para o Rio, então, é que fizeram o grupo dividido em sessões regionais, naquela época nós tínhamos região Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste.

Cristina: - *Ele estava acima ou ao lado do IBGE, esse Conselho?*

Gelson Rangel Lima: - Abaixo, o IBGE é uma sigla geral, IBGE é instituição (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), embaixo dele dividido em duas casas: IBG e IBE, Instituto Brasileiro de Geografia onde o pioneiro é o



CNG (Conselho Nacional de Geografia), estava ligado a Presidência da República diretamente. E do outro lado a Estatística CNE (Conselho Nacional de Estatística). Quer dizer, então, o título geral não significa muito, é um título geral. Agora, embaixo é que estão as casas que o compõem.

Cristina Mary: - *Então, o senhor fez parte...?*

Gelson Rangel:- Eu fiz parte da Geografia, mas eu comecei em 1953. E a Geografia ela data o início dela de 1937.

Cristina Mary: - *Esse Conselho dava as diretrizes do que precisava estudar...?*

Gelson Rangel Lima: - Toda a parte de pesquisa, por que estava ligada diretamente a Presidência da República, eu acho que eu ainda tenho uma carteirinha ainda de identidade que estava escrito Presidência da República.

Cristina Mary: - *Ele foi importantíssimo, e foi uma época importante também porque o Brasil não era realmente conhecido.*

Gelson Rangel Lima: - O Brasil não era conhecido. Então, o Conselho Nacional de Geografia era dividido por sessões regionais e mais uma sessão de estudos sistemáticos. Quer dizer, então você tinha região Norte e região Leste, região Sul, região Centro-Oeste e tal, Nordeste, aí depois, centro de estudos sistemáticos com sessão de Geomorfologia, de Biogeografia, de Climatologia, e ainda tinha mais um, pois, eram quatro. Então, isso compunha a casa. Agora nós tínhamos uma sessão de apoio de Cálculo, tinha uma sessão de ilustração e tínhamos uma fototeca. Agora, dentro da Geografia você tinha dividido uma outra parte, tinha Centro de Estudos Gerais, que era na Calógeras, e o Guerra foi chefe uma vez lá. Então, ele tinha essa parte de ilustração, parte de impressão, quer dizer, tudo o que era escrito no IBGE passava por ele e eles tinham os corretores que liam, corrigiam o português e aquela coisa toda, e depois tinha uma pessoa que se deslocava para Lucas para fazer clichê, para fazer os textos... Como não havia computador na época era o lerite (você tinha uma máquina com chumbo, e você ia escrevendo texto e apertava o pedalzinho, aí aquele ou aquela frase, ou aquela letra era impressa numa coisinha de chumbo e caia lá, se deixava esfriar e depois separava a parte toda de impressão antigamente era assim). Nós tínhamos, além disso, nós tínhamos museu e tinha uma biblioteca, que hoje não existe nada mais.

Cristina Mary: - *O Senhor ainda tem contato com o pessoal do IBGE?*

Gelson Rangel Lima:- Muito pouco, mas com o pessoal antigo, são os aposentados. Hoje a gente se reúne como aposentados (risos), o novo agente tem pouco contato, também porque sofreu uma modificação enorme, porque nós absorvemos o RADAM. Então, o RADAM foi criado para estudar especificamente a Amazônia, por que a Amazônia não se podia fazer fotografia tradicional por causa da cobertura de nuvens, então ficavam muitos buracos. Então, foi feito um sistema de impulsos elétricos de radar que vinha. Então você recebia uma imagem, não em relevo por que você sabe que para obter uma fotografia em relevo é preciso ter duas fotografias com um leve deslocamento entre uma e outra para te dar a noção de relevo, a visão estereoscópica que o olho nosso restitui,



you do it and I returned. Then, RADAM was created for this, first they photographed and made RADAM of the Amazon, when it ended in the Amazon they published that whole book, then they asked "o que a gente vai fazer do RADAM?", then they said: "Ah, vamos fazer para o resto do Brasil". Then they made RADAM for the rest of Brazil, when it ended: "o que a gente vai fazer com o pessoal do RADAM?", "Vamos encaixar no IBGE". Then, that whole staff of RADAM was put into IBGE. Then, some went to other institutions, they retired... But a large part today is in Geography as happened in Niterói with Geology, the staff of Geology that today counts and RADAM also had a great importance currently in terms of images, in terms of the problem of agriculture, for you to do a survey of production, that's the whole thing.

Cristina Mary: - *Uma coisa que eu ia falar, a sua ideia, formado em faculdades que tinham essa visão global História e Geografia, a sua visão de Geografia muda com o tempo ?*

Gelson Rangel Lima: - A Geography for me doesn't change, Geography is the same, it is... Not like that, no modification. The optics is that it varies a little, because you passed to use instruments that you didn't have in our era. Today it's easier, I remember with Ruellan, we went to Roraima and in Roraima people went with a clipboard on their back, a leveling staff and a level in front, and the other with a theodolite and did the surveys, and did the observations, collected the material for you to do the book. And today not, a lot of things you don't depend on that, because you with geodesy did and collected all the data and that, you have photographs...

Cristina Mary: - *O que o Geiger falou agora está valendo (risos).*

Gelson Rangel Lima: - De um lado ele tem razão (Geiger), mas por outro lado, não. Então, é a tal coisa hoje veio ajudar enormemente, quer dizer, claro que tem. Another day died Aziz, professor Aziz was a warrior, a great man, we had contact, that's the whole thing. Because there was a certain animosity between the staff of São Paulo and Rio, there was always.

Cristina Mary: *Mas é muito mais USP e UFRJ, eu vejo assim, a UFF fica um pouco de fora.*

Gelson Rangel Lima: - A UFF doesn't fit very well in this, UFF on one side, it's with the bay separating, helped a lot (laughs), it became free of certain influences and that. But, on the other side, because our students, I had a student who studied at UFF who lived in Mangueira, most lived in Rio (mora). There were people there in Cascadura...

Cristina Mary: - *Hoje é muito estudante de Nova Iguaçu, Caxias, São Gonçalo...*

Gelson Rangel: - De tudo quanto era canto, people had. Then, there was that problem at night, to finish the class. Ten and a half went to the last bus, then only eleven o'clock, then only half night. Then, if people lost that



barca de dez e meia, você só podia atravessar onze horas, e era uma hora de travessia no começo, que era aquela barca de roda, aquela coisa toda. Então, eu comecei com barca de roda, comecei com a barca terceira. Depois então, que veio frota carioca, frota fluminense, frota não sei mais o que... Barreto, frota não sei mais o que lá, Maracanã e veio por aí a fora. Mas eu peguei a barca que tinha aquela roda de lado e que você carregava carro, tinha os botes. A barçaça carregava carro aqui, e aqui tinha o banco do meio e entre um e outro tinha um corredor (...). Pois é, eu usava aquilo ali, era uma hora que eu perdia de travessia de um lado e de uma hora para o outro. Por que aquilo era bem devagarzinho.

Cristina Mary: - *E lá na UFF, então ficava assim... É o senhor teve uma formação fora, agora, depois os seus alunos. Tinha mais gente com a formação como do senhor?*

Gelson Rangel Lima: - Não, teve gente formada fora da UFF, por exemplo, o Mauro Stamato, o filho do Stamato foi formado pela UERJ.

Cristina Mary: - *Mas o núcleo que começou com você tinha a formação parecida? Tinha a formação fora também?*

Gelson Rangel Lima: - Na época Niterói não tinha essa projeção. Então, geralmente os professores vinham de outras localidades. Eu me lembro que o primeiro professor de Cartografia que eu conheci era um irmão do Prof. Stamato, que nós chamávamos de Stamatinho, que foi o primeiro professor de cartografia que eu conheci.

Cristina Mary: - *Os franceses não chegaram até a Fluminense, não?*

Gelson Rangel Lima: - Não, não os franceses pararam aqui na Nacional de Filosofia. Ai a importância grande da faculdade, porque tinha nome, tinha muita ligação com o pessoal de São Paulo. Acho que na época os nossos cursos eram muito bons e eu achava que o curso brasileiro era bom em função de que ele era calcado no ensino francês. Ai, à medida que foi havendo aquela evolução interna que passou a fazer prova. Porque na época que eu estudei você tinha uma banca de exame no final do ano, você fazia uma prova parcial que o pessoal não conhecia você, não é. Você tinha um papelzinho, você tirava fora e o professor corrigia aquilo tudo, e depois então, era na hora que ia se ver quem era quem. Foi assim, mas isso eu vi no Ginásio, na campanha do educandário gratuito era assim, o professor dava aula no educandário, quando chegavam na prova de fim de ano, os colegas saíam cantando "olha, você quer ir me ajudar lá em Cascadura, eu preciso de uma pessoa ou outra", "Ah, eu preciso de alguém não sei em tal lugar". Então, havia uma troca enorme, por que era geralmente banca de três, e na Faculdade a mesma coisa. Foram bancas de três, três professores, o seu professor e mais dois que eram convidados. Ai, quando você passou a ser na base de cruzinhas, ai começou a mixórdia. Por que a cruzinha é bom para o professor corrigir, é prático, sempre corrige fácil. Mas para aquele que quiser ter trabalho não é tão fácil assim não, eu, por exemplo, eu dava prova de cruzinha também por que eu era obrigado a dar, mas o que eu fazia: você tinha a cruzinha para botar, e em baixo você tinha que dizer por que você escolheu essa cruzinha. Então, tinha duas frases aí que tinha que botar, por que tinha que justificar. Por que se não ficava muito fácil, e foi o que aconteceu. O cara que não



queria ter trabalho era só cruzinha. Certo ou errado e acabou, fez o gabarito e acabou. Agora quem queria ter trabalho, eu tinha trabalho. E quando eu dava minhas provas, depois de noite na hora de corrigir eu lia tudo antes, eu lia a prova de todo mundo antes e fazia meus montinhos. O máximo da nota e o mínimo da nota e no meio você tinha um dos parâmetros. Então, à medida que eu ia lendo eu ia distribuindo ali, quando acabava de ler todas, aí então eu voltava. Ai, naquelas que estavam boas eu lia todas elas e comparava as boas, e depois comparava as ruins. Quer dizer, então depois você vê. Agora, você perde um tempo enorme fazendo isso. Mas eu acho que é justiça, porque eu dizia "minha gente, é muito fácil vocês pegarem um livro e decorar o que está no livro", e melhor ainda é aquele que lê o que está no livro e que depois interpreta essas informações, que vai procurar porque ele disse isso e tal, aí vale a pena. Agora, repetir, ser papagaio de imitação não leva a nada. Então, eu tinha aluno falando *"mas professor, porque eu tirei isso e fulano que fez a mesma coisa, e ele teve isso e eu tive aquilo"*. Eu falava assim *"não fez a mesma coisa não"*. Ai a gente, então para acabar com a conversa, por que se não ia ficar discutindo com o aluno, eu chamava os dois. Chamava o que teve a nota melhor e mandava ele ler a prova dele, e depois chamava o outro e mandava ler. *"Agora vem cá, você acha que fez a mesma coisa que ele?"*, *"Ah, não..."*. Então, *"Você apenas botou aquilo que eu cuspi aqui para vocês e uma outra coisa que você ouviu falar, o outro não, ele pesquisou, deu ideias próprias, ele merece"*. Agora, me dava um trabalho de cão, e a gente tinha quatro turmas, quatro séries. E muita coisa hoje está voltando, eu outro dia comprei lá na França uma revista sobre Norbert Skril, eu falei na faculdade tinha uma no primeiro ano que era Evolução da Geografia, o que é Geografia, então, começava dos primórdios. Aquelas cartas (...) vinha caminhando com eles assim. E agora está voltando tudo, apesar do conhecimento esta voltando porque o mundo esta mudando, que dizer o descongelamento lá do Ártico esta permitindo usar a passagem de Noroeste a Nordeste, que antigamente ninguém falava.

Cristina Mary: - Muito obrigada por sua entrevista professor Gelson Rangel Lima